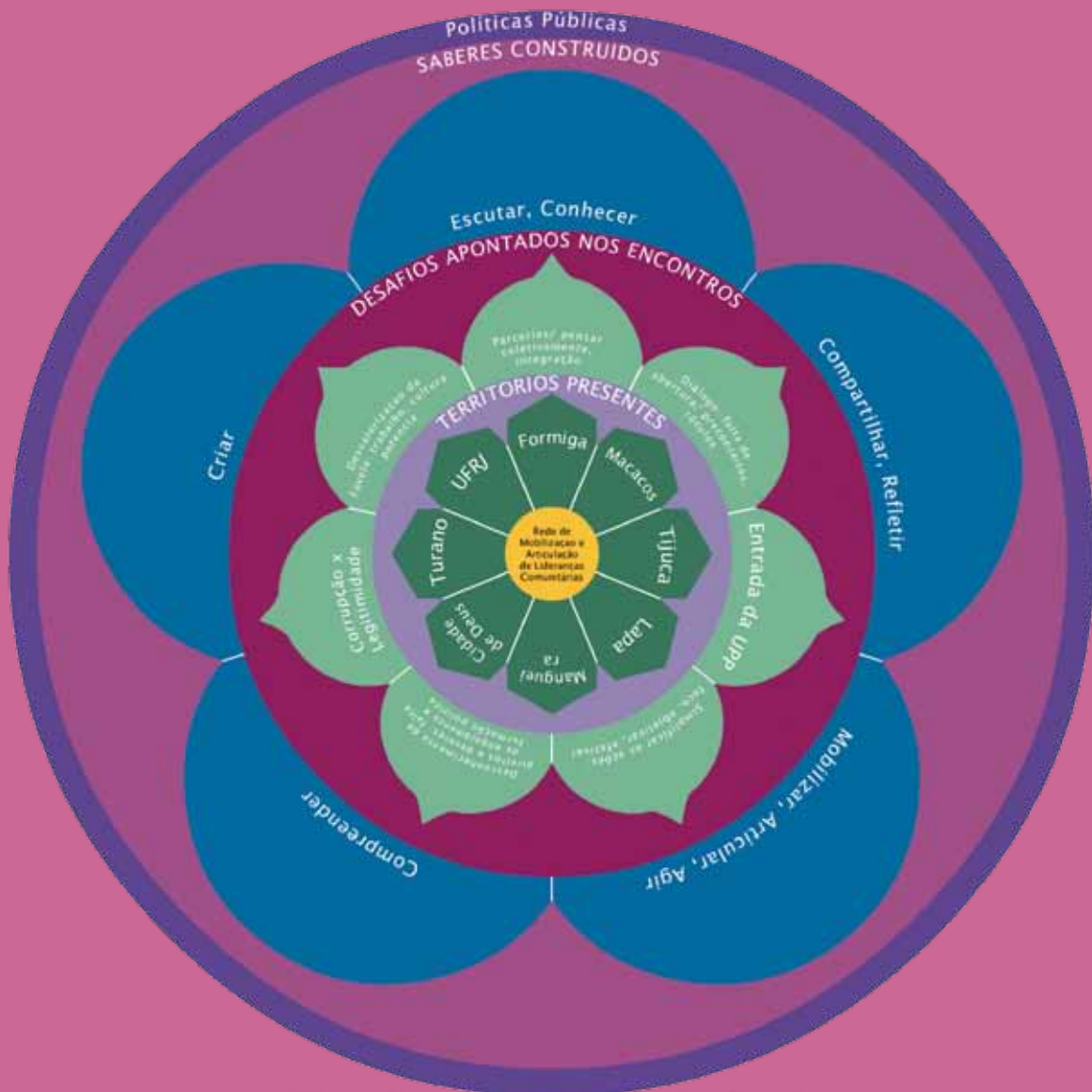


Caderno  
**Arte de Educar**



**MANDALA DOS SABERES  
METODOLOGIA  
Rio de Janeiro, 2014**

**REALIZAÇÃO**  
**Casa da Arte de Educar da Mangueira**  
Rua Ana Neri, 155. Rio de Janeiro (RJ) Tel. (21) 3860-3212

**Escritório**  
Rua da Glória, 366 / sala 602. Rio de Janeiro (RJ)  
CEP 20241-180  
Tel. (21) 2533-1920  
www.artedeeducar.org.br  
contato@artedeeducar.org.br

**CADERNO ARTE DE EDUCAR**  
Mandala dos Saberes - Metodologia – Rio de Janeiro, 2014

**Coordenação**

Lolla Azevedo, Rose Carol da Silva, Sueli de Lima

**Textos**

Carla Eirado, Lolla Azevedo, Pedro Gabriel Borba  
Dorigo, Rose Carol da Silva e Sueli de Lima

**Professores**

Carlos Gutemberg da Silva,  
Flávia Camilo Campos,  
Valeria Maria de Oliveira e  
Roberta André da Silva

**Edição de texto**

Alessandra Archer

**Revisão de texto**

Itamar Rigueira Jr.

**Fotos**

Alice Nin, Stefano Figalo,  
Vantoen Pereira Junior e estudantes da  
Casa da Arte de Educar

**Projeto gráfico e Editoração**

Garagem Designer Integrado

---

Caderno arte de educar : mandala dos saberes  
metodologia / Associação Casa das Artes de Educação  
e Cultura. — 1. Ed. – Rio de Janeiro : Casa da Arte de  
Educar, 2014.  
28p. ; 27,6x21,5cm.

Bibliografia: p. 18.  
ISBN 978-85-64207-02-8 (broch.)

1. Arte – Estudo e ensino. 2. Arte - Metodologia.  
I. Associação Casa das Artes de Educação e Cultura.

CDD 707

---

## Patrocínio



PROJETO APOIADO PELO  
**CRINÇA  
ESPERANÇA**



## Colaboração

Unir e Agir – Rede de articulação e mobilização  
pela garantia dos direitos de criança e  
adolescente da Grande Tijuca – Rio de Janeiro

ITC – Instituto Trabalho e Cidadania

GFEP – Grupo de Formação de Educadores  
Populares

Projeto Formiga Linda, Formiga Limpa

UFRJ – Projeto de Expressão e Transformação

SulAmerica Seguros

Instituto Pereira Passos – UPP+Social -

SESC – Serviço Social do Comércio - Tijuca

## Parcerias

Casa da Ciência

Canal Futura

Centro de Referência de Assistência Social  
Adalberto Ismael de Souza (CRAS)

Conselho Municipal de Assistência Social

Conselho Municipal dos Direitos da Criança e  
do Adolescente

Clínica da Família Dona Zica

Escola Municipal Humberto de Campos

Escola Municipal José Moreira

Escola Municipal Uruguai

EMOP – Empresa de Obras Públicas do  
Estado do Rio de Janeiro

UFRJ – Projeto de Expressão e Transformação

Fundação Itaú Social

Ministério da Ciência e Tecnologia (Semana  
Nacional de Ciência e Tecnologia)

Ministério da Cultura – Cine Mais Cultura

Secretaria Municipal de Ciência e Tecnologia

Secretaria Municipal de Educação do  
Rio de Janeiro

SESC – Serviço Social do Comércio

UERJ – Setor de Psicologia Aplicada

FE-RELI  
RELI  
RELI



# SUMÁRIO

---

<b>1 APRESENTAÇÃO/HISTÓRICO</b>	<b>6</b>
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>9</b>
<b>3 . CONSTRUINDO MANDALAS</b>	<b>13</b>
3.1 DA IDENTIFICAÇÃO DO GRUPO	13
3.2 DO PARADIGMA POTÊNCIA X DESAFIOS	14
3.3 DO CONVITE A OUTRA RACIONALIDADE	15
3.4 DA ABERTURA PARA NOVAS POSSIBILIDADES	15
3.5 DA CONSTRUÇÃO DO DIÁLOGO	16
<b>4. APLICAÇÕES IDENTIFICADAS</b>	<b>17</b>
4.1 EDUCAÇÃO INTEGRAL	17
4.2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)	18
4.3 DIREITOS HUMANOS	19
4.3.1. UM EXEMPLO: A REDE UNIR E AGIR - ARTICULAÇÃO E MOBILIZAÇÃO PELA GARANTIA DE DIREITOS DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES DA GRANDE TIJUCA	20
<b>5. SISTEMA DE CONSTRUÇÃO DE MANDALAS</b>	<b>23</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>24</b>
<b>7. ANEXOS</b>	<b>25</b>

# 1. APRESENTAÇÃO/HISTÓRICO

A metodologia Mandala dos Saberes vem contribuindo para a ampliação do diálogo entre as escolas e seus territórios, relacionando a cultura local à acadêmica. Há mais de cinco anos essa metodologia vem sendo disseminada em contextos diversos de educação integral, Educação de Jovens e Adultos e sistemas de garantias de direitos de crianças e adolescentes, colaborando para a instauração de um campo de articulação entre saberes e linguagens. O objetivo é a qualificação das práticas educacionais por meio da instauração de campos intersetoriais de conhecimentos e ações.

As Mandalas se constituíram em instrumento pedagógico de diálogo que envolve diferentes atores educacionais, pois facilitam sua articulação. Esta pequena publicação é elaborada com o objetivo de responder à necessidade de todos os que a utilizam e sistematizar algumas de suas contribuições para a educação.

Em primeiro lugar, é importante considerar que o ensino há muito extrapolou os limites da escola, embora se perceba que os diálogos entre as escolas e seus territórios ainda são tímidos e as distâncias, grandes. O desafio consiste em construir mecanismos capazes de consolidar processos democráticos, partilhas de saberes e compromissos entre escolas e práticas educacionais não escolares. É isso que a metodologia Mandalas dos Saberes vem enfrentando. Trata-se de um campo de responsabilidades compartilhadas e exige a colaboração da sociedade civil, universidades e pesquisadores diversos, e está a cargo do Governo Federal a coordenação do trabalho.

No contexto contemporâneo, cada vez mais entende-se que a escola precisa acompanhar as dinâmicas dos territórios em que se insere e, nesse sentido, fazer-se mais do que um lugar de transmissão de conhecimentos. Em 2008, UNICEF, MEC, INEP e UNDIME<sup>1</sup> realizaram uma pesquisa nas escolas que obtiveram os melhores resultados do IDEB, em busca da caracterização dessas boas práticas. Essa pesquisa apontou que as escolas que mais avançaram no diálogo com a comunidade foram as que obtiveram os resultados acadêmicos mais significativos. Compreendendo a educação como integrante das práticas culturais da sociedade, o professor pode ser mais do que o detentor de saber: pode atuar em diálogo. Assim, a educação pode trazer para dentro do seu campo de atuação a voz de outros atores que também compõem os processos de ensino-aprendizagem.

<sup>1</sup> UNICEF/MEC/INEP/UNDIME. Pesquisa Redes de Aprendizagem – boas práticas de municípios que garantem o direito de aprender. Brasília: MEC, 2008.





## EDUCAÇÃO E DESIGUALDADE SOCIAL

Entre as décadas de 1930 e 1980, o acesso da população à escolaridade avançou lentamente em termos quantitativos. Em termos de acesso à educação, os anos 80, apesar da crise econômica, constituíram um período de expansão – foi a década de maior crescimento no processo de ampliação do acesso à escolarização básica. A partir daí, então, os índices de desenvolvimento educacional começaram a melhorar. Esse processo está articulado com as melhorias gerais nas condições sociais das famílias, para o que contribuíram alguns aspectos: aumento da urbanização, maior mobilidade social, estabilização da economia, diminuição da taxa de fecundidade e redução no aumento das famílias. **Ainda hoje, no entanto, temos no país uma educação seletiva e desigual em relação a cor, gênero, região e renda familiar.** (SOARES, 2012)

Para pensar a ação docente como prática contextualizada e dinâmica, é necessário ter visão mais abrangente do fenômeno da educação, o que corresponde a pensar sob outros pontos de vista, buscando incorporar aqueles que poucas vezes são incluídos no tema – os estudantes, portadores de experiências, seus repertórios culturais, suas visões de mundo, seus anseios e suas necessidades particulares.

Um dos muitos problemas enfrentados atualmente com relação às escolas é como torná-las mais abertas, flexíveis, permeáveis e plurais. As escolas precisam existir como espaços de aprendizagem, de ensino e de cultura. É importante que se tornem significativas para seus estudantes e, ainda, que façam diferença frente a outras formas de aprendizagem. A investigação em torno da construção de território de aprendizagem traz o desafio de fazer das diferenças motor de práticas pedagógicas, pois elas seriam a combustão dos diálogos tão reclamados pelos jovens. As experiências aqui apresentadas são frutos desse esforço.

É importante identificar, valorizar e aproximar as distintas práticas educativas, escolares ou não, com vistas à formulação de um siste-





## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

---

Os trabalhos realizados pela Arte de Educar vêm sendo desenvolvidos com objetivos claros e práticos, porém, sempre embasados por referencial teórico que possibilita fundamentar a ação e a participação em debates da área. Algumas dessas referências são apresentadas a seguir.

Primeiramente, apoia-se nas ideias de Sousa Santos (2007), para quem o pensamento moderno ocidental é um pensamento “abissal”, que se estrutura numa linha de distinções visíveis e invisíveis que dividem a realidade social em dois universos opostos: o dos colonizados (Novo Mundo) e o dos colonizadores (Velho Mundo). Esse modo de estruturar o conhecimento desvaloriza e desmerece todo e qualquer pensamento que não seja criado pelo Velho Mundo. Há um “epistemicídio”, que seria como a morte de todas as outras formas de conhecimento que não aquelas reconhecidas pelo Velho Mundo. De acordo com tal pensamento, as universidades (e, por consequência, as escolas) são centros de implantação das bases desse pensamento “abissal”. Garantir a diversidade de enfoques diante do conhecimento é um dos desafios que as Mandalas dos Saberes buscam enfrentar, contribuindo para a estruturação de diálogos que sejam capazes de amplificar as linguagens, os sinais e os saberes de distintos grupos que, embora dispersos e embrionários, apontam outras constelações de sentido para a vida contemporânea (SOUSA SANTOS, 2007).

A educação, por sua vez, é lugar de conflito, no qual o diálogo precisa ser conquistado. A metodologia Mandalas dos Saberes vem colaborando para a obtenção das condições capazes de promover esse diálogo, principalmente entre as experiências populares, geralmente expressas nas vozes dos estudantes, e o saber escolar, expresso nos currículos e nas práticas docentes (FREIRE, 2006).

Ingressar na escola é participar de uma relação com o saber que seja capaz de contribuir para a construção de sentido para a existência dos estudantes. Não basta entrar na escola, é preciso participar da vida escolar, e para isso ela precisa fazer sentido para o estudante. Neste ponto recorreremos a outro autor, Charlot (2000), cujas contribuições são muito significativas, pois foram formuladas

a partir do diálogo com estudantes de meios populares e falam de uma relação com o saber estruturada em categorias que nos desafiam, como o fracasso escolar. O autor nos questiona acerca do fracasso escolar e nos provoca a realizarmos o que chama de leitura positiva. A leitura positiva compreende o estudante não como um objeto incompleto (aquele ao qual faltam informação e conhecimentos), mas como um sujeito que também possui saberes, história e que resiste, buscando interferir no mundo em que vive. Charlot propõe, com a leitura positiva, que possamos ler de outra maneira o que comumente é lido como falta. Trata-se de postura interessada em reconhecer as diferenças para que daí se construa um diálogo. Cabe ressaltar que é crucial, nesse caso, valorizar a história dos sujeitos. O sujeito do saber (estudantes) não pode ser compreendido sem que se pense na sua relação com o mundo e o seu contexto.

O sujeito é um ser em constante transformação, o que significa dizer que ele nunca está completo; há sempre uma dimensão de incompletude em seu modo de estar no mundo. O conceito de incompletude ganha ainda mais destaque quando se abordam as relações sociais com o saber. O desafio é superar o isolamento através da copresença, isto é, de aprender com o outro, sem esquecermos de nós mesmos. Com isso, buscam-se escolas culturalmente heterogêneas, que se afastem do imperativo de que todos pertencem ao mesmo ambiente cultural ou, pior, que devem atingi-lo. Não se trata de adaptar a escola àquilo que se espera dela, mas repensá-la com base na lógica do sujeito, a lógica da construção da democracia.

A construção de sentido no ato de aprender corresponde a uma passagem da resposta certa para uma aprendizagem fundada na busca coletiva por um debate capaz de construir sentido partilhado. Desse modo, mostra-se necessária a incorporação de uma prática contínua de pesquisa pedagógica socioantropológica que envolva o professor, o saber e o estudante (BRANDÃO, 2003).

Ao compreendermos a escola como espaço público no qual se cruzam culturas e se desenvolvem relações de saberes, podemos pensar a atuação do professor para além da mera transmissão de

conhecimento e superar o modelo tradicional de educação na direção de uma comunidade de aprendizagens.

Dessa forma, a relação do educador com sua prática pedagógica pode ser comparada à relação artista-espectador, como proposto por Umberto Eco, por meio de seu conceito de “obra aberta”. Ao refletir sobre a obra de arte contemporânea, Eco explicita que as obras possuem diferentes significados, todos em relação direta com o espectador (fruidor); com isso, retira do artista o papel de criador da obra e estabelece que a criação se dará na relação entre artista e espectador. A metodologia Mandalas dos Saberes pode ser pensada da mesma forma: as Mandalas atuam como obras de arte abertas e não encerram em si suas possibilidades, mas as abrem para que diferentes sujeitos possam escolher suas condições, sequências ou formas, problemas, respostas e reflexões, transformando as Mandalas em espaços de negociação e diálogo (ECO, 2007).

Somos uma sociedade historicamente marcada por ausência e ocultamento de diversos coletivos sociais. Os currículos são pobres em experiências porque são pobres em sujeitos (ARROYO, 2011). Negar a voz e as experiências dos saberes dos estudantes na construção do conhecimento escolar é negar-lhes o direito à cidadania, como sujeitos sociais, e reproduzir o não reconhecimento deles e dos coletivos a que pertencem.

Outra referência para pensar o saber escolar sistemicamente vem das ideias de Bernardo Toro, intelectual colombiano que elaborou uma lista de competências que considera necessárias para que crianças e jovens tenham uma participação mais produtiva no século 21: os Sete Códigos da Modernidade (TORO, 1997). Os códigos da modernidade, conceito por ele formulado, englobam uma definição das “sete competências” que considera necessárias para desenvolver nas crianças e jovens de modo a lhes garantir uma participação mais produtiva no século XXI. Para esse filósofo e educador, trata-se de saberes fundamentais para que o estudante avance relacionando o que aprende na escola com a vida, descobrindo sentido na vida escolar.





EMPREENHEITO DA JUVENTUDE

ESCOLA

TRAFICO

FAMILIA

LIVRO

SERVIÇOS PÚBLICOS

CONHECIMENTO

PRIMEIROS SOCORROS



## 3. CONSTRUINDO MANDALAS

---

Para desenvolver a metodologia Mandalas dos Saberes nos espaços de educação, é preciso engajar todos os envolvidos no processo de construção coletiva de conhecimento. O pensamento científico não precisa estar em oposição ao saber local, pode estar relacionado aos desafios cotidianos. Da instauração desse campo de relações, podemos avançar para fazer desaparecer a distinção hierárquica entre o conhecimento científico e o cotidiano, impulsionando-nos para uma prática reflexiva em que o sujeito compreende e transforma as circunstâncias, ao mesmo tempo em que é por elas transformado. Quando construídas em grupo, as Mandalas surgem da dialética entre o sujeito, o grupo e o problema que buscam compreender. Como objetos em processo, colaboram para traduzir as narrativas expressas nos debates. A metodologia atua por meio de processos sistêmicos e abertos, permitindo o desenvolvimento de abordagens não lineares para os complexos problemas educacionais.

As Mandalas dos Saberes se estruturam a partir do incentivo ao diálogo e das trocas entre grupos culturais distintos, por meio da valorização das experiências de cada grupo. Todos os agentes envolvidos nos processos possuem experiências distintas, que precisam ser articuladas em um projeto comum. Uma pedagogia das trocas, como busca essa metodologia, propicia transformação mútua entre os envolvidos a partir de experiências estruturadas em processos capazes de enriquecer cada um, e não afastá-los. Dessa forma, as Mandalas dos Saberes têm se mostrado capazes de contribuir para auxiliar a compreensão de cenários e problemas complexos, como os que caracterizam os campos da educação, da política, dos direitos humanos, da saúde, entre outros, revelando-se como instrumento de debates capazes de sustentar múltiplos pontos de vista.

As etapas metodológicas das Mandalas dos Saberes se apresentam de acordo com a descrição a seguir.

### 3.1 DA IDENTIFICAÇÃO DO GRUPO

Para construir uma Mandala em grupo, é importante que os participantes sentem em roda diante de papéis coloridos, tesouras, canetas etc. Sugerimos também que reúnam símbolos de todos





os que integram a roda, bem como dos problemas e áreas que querem abordar: escola, territórios, atores. Jogos com letras e números muitas vezes podem ser usados também. Outra opção é a utilização do sistema de Mandala que pode ser projetado e o grupo trabalhar a partir da imagens.

Na etapa de identificação, a primeira do processo, os participantes se apresentam para o grupo. Neste momento, há o reconhecimento dos integrantes e um primeiro entendimento sobre suas experiências e práticas. À medida que as experiências são compartilhadas, começa um processo de identificação do próprio grupo como tal. Conforme um dos integrantes faz um relato sobre suas práticas, as dificuldades que enfrenta e as experiências que viveu, os outros enxergam pontos em comum com suas próprias vivências e se dão conta de que, por mais variáveis que sejam as aparências de suas dificuldades, todos se encontram numa mesma realidade contextual. Podem ser usados os materiais anteriormente reunidos, que são colocados em diversas posições, representando, assim, as apresentações e suas relações. Ao longo de todo o trabalho, conversando sobre as relações que possuem entre si, os pontos em comum e as distâncias, a Mandala e o grupo vão se constituindo, como veremos a seguir.

### 3.2 DO PARADIGMA POTÊNCIA X DESAFIOS

Esta etapa se refere aos desafios, problemas e objetivos identificados pelos integrantes e os reúne na busca de uma reflexão em conjunto. O grupo discute as situações e as exemplifica na Mandala, na busca por descobrir/inventar/criar coletivamente caminhos para tratar essas questões, solucionar os desafios e, simultaneamente, reencontrar/construir/reconhecer suas potências.

Nesta etapa, primeiramente o grupo passa por momento intenso de trocas de experiências, o que nem sempre é fácil pois debater com diferentes é exercício ainda pouco comum entre nós. Todos os que falam estão livres para recriar a imagem da Mandala que está ao centro, tanto durante sua fala como durante a fala do outro, tudo o que se fala pode ser significado visualmente na Mandala. Pode-se debater e representar a origem dos obstáculos identificados: como surgiram, se estruturaram e se mantêm? É bom aprofundar os debates e buscar conhecer a complexidade que marca os desafios socioeducacionais para que o grupo possa ir adiante. Muitas vezes, o debruçar-se do grupo sobre um problema através da interpretação de muitos atores revela a complexidade do campo em que atuam. As dinâmicas de permanência nos obstáculos e as chances de su-



peração ou os caminhos possíveis para aquele grupo começam a se evidenciar. O grupo começa a entrar em contato com suas próprias potências, com seu poder transformador. Este ponto é muito importante, pois é preciso trabalhar coletivamente sobre os desafios a partir do patrimônio de que o grupo dispõe, sempre buscando representar ao centro com os recursos que se tem.

### 3.3 DO CONVITE A OUTRA RACIONALIDADE

Na reflexão, realizada por meio do diálogo entre a linguagem falada e a visual, o coletivo começa a reconhecer suas condições de interferir na realidade. Por meio do contato com as Mandalas, o grupo adquire condições diferenciadas de reflexão, superando as condições clássicas de construção de conhecimento através da lógica racional. Sousa Santos nomeia essa racionalidade de indolente e preguiçosa, “que se considera única, exclusiva, e que não se exercita o suficiente para poder ver a riqueza inesgotável do mundo” (2007, p. 25). Essa racionalidade desperdiça a experiência, está presa a uma compreensão única do problema, retirando dele sua diversidade de pontos de vista, desconsiderando e definindo todos os passos para a visão de futuro.

O exercício de construção das Mandalas dos Saberes pode ser comparado ao exercitar de uma outra racionalidade; é reconhecer que as pessoas têm saberes acumulados referentes a todas as suas experiências de vida. As Mandalas nos convidam a pensar o mundo de forma sistêmica, holística. Nada está isolado, tudo está interligado, não de forma hierárquica, fragmentada, mas de forma circular, integral. Dessa forma, as Mandalas são instrumentos de aproximação para o que ainda não conhecemos. Na educação, trata-se de um passo importante, pois nos auxilia a superarmos os modelos de nossas salas de aula como as conhecemos quando crianças, na direção de uma prática educativa talvez estranha, num primeiro momento, mas comprometida com o que ainda está por vir: um mundo mais solidário e capaz de respeitar o máximo de nossa criatividade como seres livres e que se respeitam nas suas diferenças.

### 3.4 DA ABERTURA PARA NOVAS POSSIBILIDADES

A partir do movimento da crítica à racionalidade usual, o grupo depara com uma exigência da própria metodologia: um “possibilitar-se” para o novo, para o diferente, para o não conhecido. As Mandalas podem assumir muitas formas diferentes e nos auxi-



liam a fazer o mesmo com as interpretações dos problemas e as formas que conhecemos de enfrentá-los. Alargam-se percepções cristalizadas, na direção de um estranhamento, de possibilidades outras de caminhos a seguir no enfrentamento dos desafios. O grupo começa a empoderar-se e a movimentar-se, articuladamente, para a construção de suas ações. Isso tudo acontece também através das cores, formas, linhas, símbolos, objetos que são sucessivamente reconstruídos pelos integrantes do grupo. Debater não é somente falar, mas também o refazer do simbólico ali constituído: a mandala que surge. Ou seja, avançar nos objetivos implica em elaborar coletivamente Mandalas, e tudo isto pode ser novo para o grupo, mas quem o experimenta compreende.

### 3.5 DA CONSTRUÇÃO DO DIÁLOGO

O diálogo avança muito quando o grupo se identifica como grupo, reconhecendo seu poder transformador, abrindo-se para o novo, empoderando-se e mobilizando-se para agir. O diálogo, aqui, ganha tónus, posto que é fortalecido pelo grupo, que investe nele como ferramenta de criação e mudança. O diálogo é também ação, atuação partilhada e pactuada que leva todos a uma outra visão de si e do contexto em que atuam. Neste contexto vivencia-se o poder do dialogo para dar forma ao mundo e aos nossos desafios.



## 4. APLICAÇÕES IDENTIFICADAS

---

Até o momento, temos conhecimento de que foram desenvolvidas versões da metodologia para Educação Integral (2007), Direitos Humanos (2011) e Educação de Jovens e Adultos (2012).

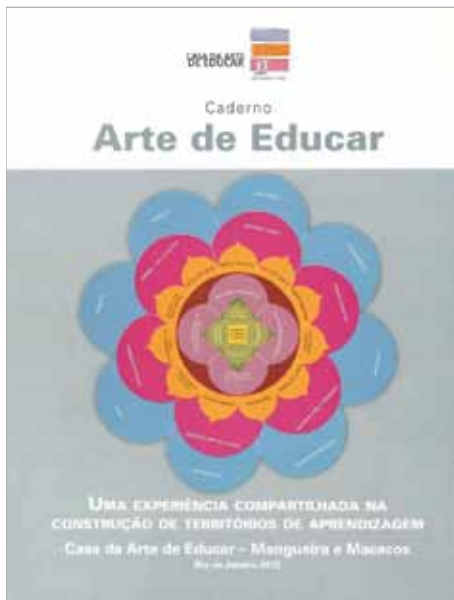
### 4.1 EDUCAÇÃO INTEGRAL

A metodologia Mandalas dos Saberes integra a Coleção Mais Educação desde 2007, contribuindo para o desenvolvimento de parcerias entre escolas e territórios na política da Educação Integral. O Programa Mais Educação se consolida como indutor e colaborador da política de Educação Integral, tendo como princípio o desenvolvimento de crianças, adolescentes e jovens para as múltiplas dimensões do ser humano para a cidadania. Diversas escolas parceiras do Programa Escola Aberta/Mais Educação utilizam em suas práticas educativas a metodologia Rede de Saberes (MEC, 2009), e a Arte de Educar é constantemente consultada para auxiliar.

Qualquer escola está inserida em uma comunidade com especificidades culturais (saberes, valores, práticas, crenças etc.), e algumas são centros catalisadores de mais de uma experiência comunitária, pois reúnem alunos de distintos espaços sociais. Mais próximas, através dessa revisão da ideia de aprendizagem, escola e comunidade reagem de forma original aos desafios que vivenciam, pois podem se perceber aliadas, uma vez que estão diante da mesma questão: a garantia da qualidade na educação brasileira.

São criados espaços de planejamento coletivo das práticas educativas para decidir sobre questões, temas, impasses, projetos, práticas comuns. Nesses espaços, a equipe pedagógica (da escola) e demais agentes educadores do território, juntamente com os estudantes, criam laços e vínculos, importantes condições para as práticas educativas que priorizam a confiança no estar junto diante dos desafios. Um estudante e/ou um professor podem ser responsáveis por registrar em Mandalas tudo o que acontece.

As decisões são registradas e informadas a todos os envolvidos no processo, de modo que o que é decidido nesse espaço deverá ser cumprido por todos, estudantes e educadores. Esses espaços educativos são recursos importantes para contribuir no planejamento das atividades; produzir em grupo; avaliar as práticas educativas;



participar ativamente das propostas; promover um coletivo investigador; expressar sentimentos, emoções, análises e críticas; manifestar interesse pelas discussões e decisões coletivas; valorizar os espaços coletivos como construtores de saberes e práticas.

No trabalho coletivo, são valorizados o compartilhar, a socialização, as práticas capazes de interferir e atuar no mundo. O educador, como mediador das práticas educativas, contribui para a reflexão do estudante, que se fortalece como pesquisador e como sujeito comprometido com sua aprendizagem, assim como com o desenvolvimento de seu território e da sociedade. Com essas práticas, criam-se estratégias educativas para desenvolver nos estudantes habilidades que lhes permitam ter recursos para participar produtivamente das atividades em grupo; contribuir no planejamento das atividades; manifestar interesse nas discussões e decisões do grupo e expressar livremente seus sentimentos.



Nas escolas públicas com educação integral (Programa Escola Aberta/Mais Educação), é papel do professor comunitário desenhar a proposta do projeto que nasça da relação entre desafios e vocações locais, sendo responsável por mediar as relações entre escola e comunidade, trabalhando junto e não mais sozinho. O seu lugar não é mais somente a escola – ele deve estar incluído no grupo em que a escola atua. A educação não se realiza somente na escola, mas em todo um território, e deve expressar um projeto comunitário. A cidade é compreendida como educadora, como território pleno de experiências de vida e instigador de interpretação e transformação.

## 4.2 EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Todo o trabalho desenvolvido para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) foi baseado nas relações entre a alfabetização, a memória, a imagem e a música. Para isso, foi constituído um grupo de professores/alfabetizadores e estudantes que buscaram contribuir para a instauração de um campo de aprendizagem compartilhada. Por meio da metodologia Mandalas dos Saberes, foi possível construir estratégias detalhadas para a alfabetização de adultos a partir de suas experiências com o som, a memória e a imagem, recursos muito utilizados pelos analfabetos diante do mundo.



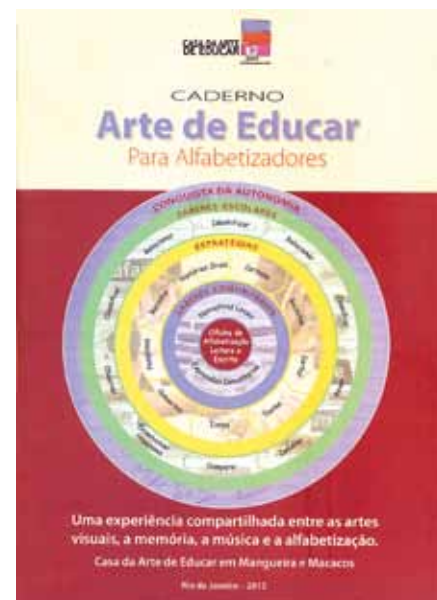
A Mandala facilita que alfabetizadores elaborem projetos capazes de permitir a articulação entre a cultura local e a didática, um laboratório de experiências culturais, sociais e históricas em que a realidade e o conhecimento adquirem sucessivamente novas formas através do diálogo.

Como parte dos processos investigativos que constituem o aprender e o ensinar, os estudantes trazem os sentidos particulares que atribuem a si próprios, como pessoas, passando a viver a experiência de compreender o significado social que esta aprendizagem lhes atribui. Suas diferentes experiências no mundo são um desafio para o professor. Na metodologia, as salas de aula são fenômenos sociais marcadamente complexos, incertos e mutantes, que exigem muita atenção e pesquisa por parte de todos os envolvidos. Por isso, as Mandalas não devem ser usadas numa perspectiva instrumental (que supõem uma resposta certa); o trabalho deve ser desenvolvido na perspectiva técnica (a busca da definição do problema).

### 4.3 DIREITOS HUMANOS

Através do Núcleo de Direitos Humanos, a Arte de Educar conseguiu que o tema se articulasse com as demais práticas pedagógicas, contribuindo para a promoção e a construção coletiva de uma reflexão voltada para a prevenção da violência contra crianças e adolescentes.

A trajetória de implementação do Núcleo de Direitos Humanos se desenvolveu com a inclusão da temática no processo de formação continuada junto a professores, abordando o desafio da relação entre escola e direitos humanos. Atuar com direitos humanos e educação pressupõe alinhamento conceitual, metodológico, voltado para o comprometimento de todos os sujeitos; implica adquirir uma nova forma de fazer e ser em educação. Abriu-se um diálogo com todos os adultos que convivem com as crianças — professores, pais, responsáveis e representantes da rede de proteção — para tornar meninos e meninas mais seguros na fase de crescimento e fortalecer a interação deles/delas com o seu território. Essas ações educativas visaram potencializar as competências infantis de forma a que as crianças consigam reconhecer e/ou evitar



situações de risco e perigo; tenham mais força para se defender se envolvidas nessas situações (por exemplo, evitando que ocorra ou que se repita um abuso); aprendam a pedir ajuda de um adulto no qual confiam e conheçam o serviço ao qual recorrer ou denunciar.

Esses percursos são destinados às crianças, educadores, professores e agentes sociais, mas o programa envolve ainda ações com as famílias, com atendimento específico, em parceria com instituição especializada em terapia comunitária e familiar. Parte-se do princípio de que o conhecimento ativa um processo de transformação que permite refletir sobre questões e impasses e escolher o melhor e o justo. Essa intervenção preventiva se realiza por meio de recursos como a reflexão, as palavras, os jogos, a dança, a música, as regras, as imagens, os cadernos, as fábulas e as ideias. Todas essas linguagens e elementos atuam em um percurso estruturado em laboratórios que ocorrem de modo gradual.

Nos primeiros encontros, desperta-se o interesse pelo conhecimento sobre si mesmo: sua própria história, passando por sua comunidade, país, referências culturais, identidade, corpo, desejos e interesses. Nos encontros seguintes, passa-se ao debate dos próprios direitos e ao diálogo sobre eles.

O objetivo final é construir mapas da própria história e do próprio território, apontando os lugares importantes para a criança, dos pontos de vista familiar e do grupo social, e avaliar o modo como ela se apropria deles. No laboratório específico sobre os direitos e serviços do sistema de garantia desses direitos, esse mapa do território tem extrema importância para que se localizem e memorizem os lugares para denúncia, acolhimento, proteção e cuidado da criança em situação de violência.

#### 4.3.1 UM EXEMPLO: A REDE UNIR E AGIR – Articulação e Mobilização pela Garantia de Direitos de Crianças e Adolescentes da Grande Tijuca

Um bom exemplo é o processo de articulação e mobilização de um grupo de lideranças comunitárias do conjunto de favelas da Grande Tijuca – em busca de seus direitos – que vem sendo promovido pela Arte de Educar –, de modo a promover um diálogo entre a



sociedade civil e o governo em prol da construção de ações capazes de garantir os direitos de crianças e adolescentes.

Com inspiração na metodologia das Mandalas, esse processo compreende que a construção de um pensamento coletivo é crucial para que haja mudança efetiva no cenário atual da garantia dos direitos. As experiências dialógicas vivenciadas pelo grupo tornam possível uma emancipação da diversidade dos saberes culturais, um deixar vir à tona a potência dos territórios na luta pela garantia de direitos. O trabalho de articulação e mobilização consiste em alimentar o surgimento de um espaço de trocas, discussões e reflexões entre profissionais da rede de proteção da criança e do adolescente, profissionais da escola e lideranças comunitárias; deste coletivo, são criados planos de ações que levam em conta os desafios acadêmicos dos estudantes, as potências dos saberes locais e culturais das comunidades onde vivem e a garantia dos seus direitos.

A Grande Tijuca é uma das sete subprefeituras em que se divide a cidade do Rio de Janeiro. É composta por sete bairros ao sul da Zona Norte carioca, que tem outra subprefeitura para administrar 64 bairros mais periféricos. A Grande Tijuca é conhecida por abrigar a Gávea Pequena, tradicional residência do prefeito; a Vila Mimosa, a zona de prostituição da cidade; o Estádio Mário Filho (o Maracanã) e o Cristo Redentor, uma das Sete Maravilhas do Mundo Moderno. É composta pelos bairros Alto da Boa Vista, Andaraí, Grajaú, Maracanã, Praça da Bandeira, Tijuca e Vila Isabel, englobando também os sub-bairros de Aldeia Campista, Borel, Muda, Salgueiro, Usina e Vila Zoológico. A região possui localização privilegiada entre a Serra do Engenho Novo, a norte; a Floresta da Tijuca, a oeste; a Zona Sul, a sul; e a Zona Central, a leste. Detém a maior renda financeira da região e um dos melhores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) da cidade. ([http://pt.wikipedia.org/wiki/Grande\\_Tijuca](http://pt.wikipedia.org/wiki/Grande_Tijuca), acessado em 21/08/2014 às 16:00h).

Essa região, entretanto, se encontra num vale rodeado por grande número de favelas, o que a torna cenário de complexas questões políticas, sociais e culturais. No que concerne aos direitos da população moradora das favelas, reconhece-se o enorme de-



safo quando se toca nas questões envolvendo cidadania e o reconhecimento desses territórios como integrantes da sociedade.

Frente a essa realidade, a **Arte de Educar**, com patrocínio da Petrobras, desenvolveu um projeto chamado “Qualificando a Educação de Crianças e Adolescentes em Favelas do Rio de Janeiro” onde foi criada a *Rede Unir e Agir*. Desta ação, originam-se práticas direcionadas ao fortalecimento da rede de proteção e à elaboração de planos de ação articulados aos desafios sociais e à potência cultural local.

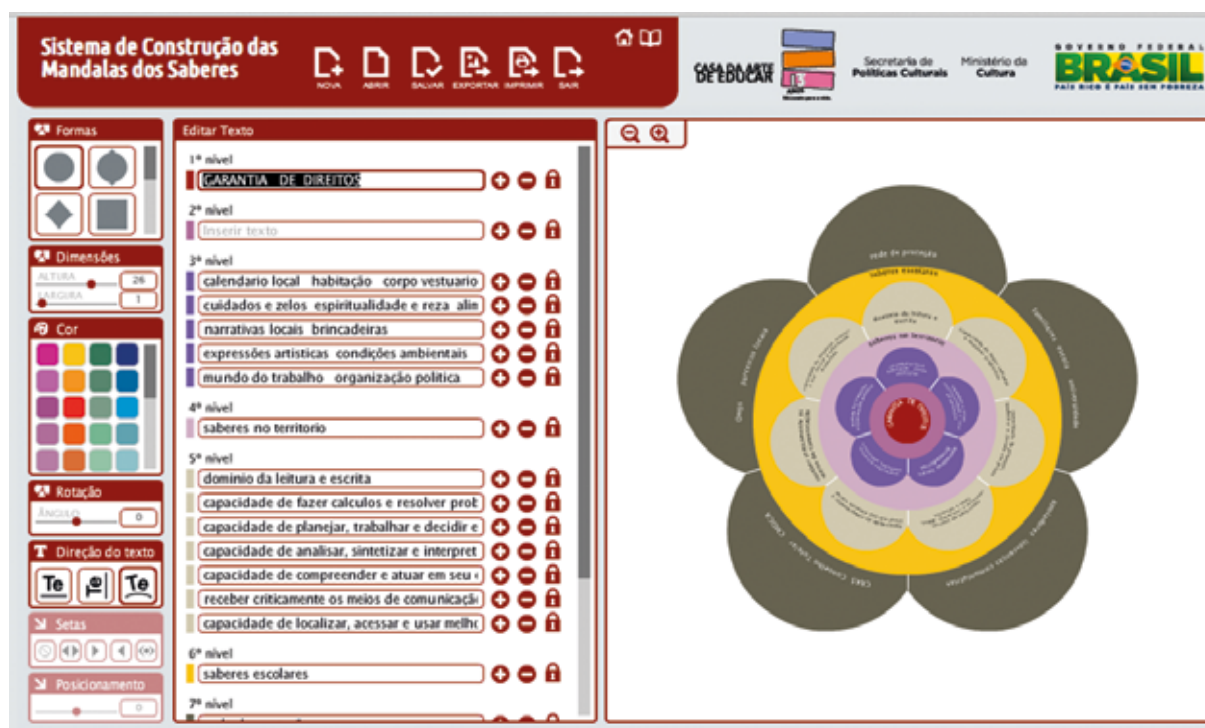
Ao longo de todo o ano de 2014, foram realizadas reuniões com lideranças comunitárias, representantes governamentais e representantes da rede de proteção, educadores, artistas etc., visando ao debate sobre os temas e questões levantadas pelo grupo, eleitos por sua relevância para a construção de ações em prol da garantia de direitos.

A Rede é composta por: ONG Instituto de Cidadania e Trabalho (ITC) – Formiga; Pastor Sebastião, líder comunitário e ex-integrante da ONG Formiga Linda, Formiga Limpa; ONG Grupo de Formação de Educadores (GEFEP) – Turano; ONG Ressurgir – Turano; Movimento Ocupa Lapa; ONG Reage Artista – Lapa; ONG Favela Brass – Pereirão, Laranjeiras; ONG Ao Fazendo – Cidade de Deus; ONG Casa da Arte de Educar – Mangueira; ONG Meninas e Mulheres do Morro – Mangueira; Equipe da UPP Social que atua no Turano, Formiga, Cidade de Deus, Mangueira, Andaraí, Barreira do Vasco, Tuiuti, Borel, Casa Branca e Providência.

A discussão a respeito dos desafios destacou: corrupção x legitimidade, desvalorização da favela, falta de parcerias, desafios de pensar e agir em conjunto, reunião de forças, pouco diálogo com poderes públicos, preconceitos, as condições da entrada das UPPs, desconhecimento da população com direitos e deveres cidadãos e falta de engajamento e formação política. O trabalho encontra-se em desenvolvimento.

## 5. SISTEMA DE CONSTRUÇÃO DE MANDALAS

A Arte de Educar desenvolveu um sistema on-line de construção de Mandalas, que permite aos usuários utilizar diversas cores e formas nos mais diferentes níveis de relação. Esse sistema, que está disponível no site da Arte de Educar, foi divulgado para mais de 1.600 pessoas, entre profissionais e estudantes que compõem a rede. O link é <http://www.artedeeducar.org.br/sistema-de-construcao-das-mandalas-dos-saberes/>.



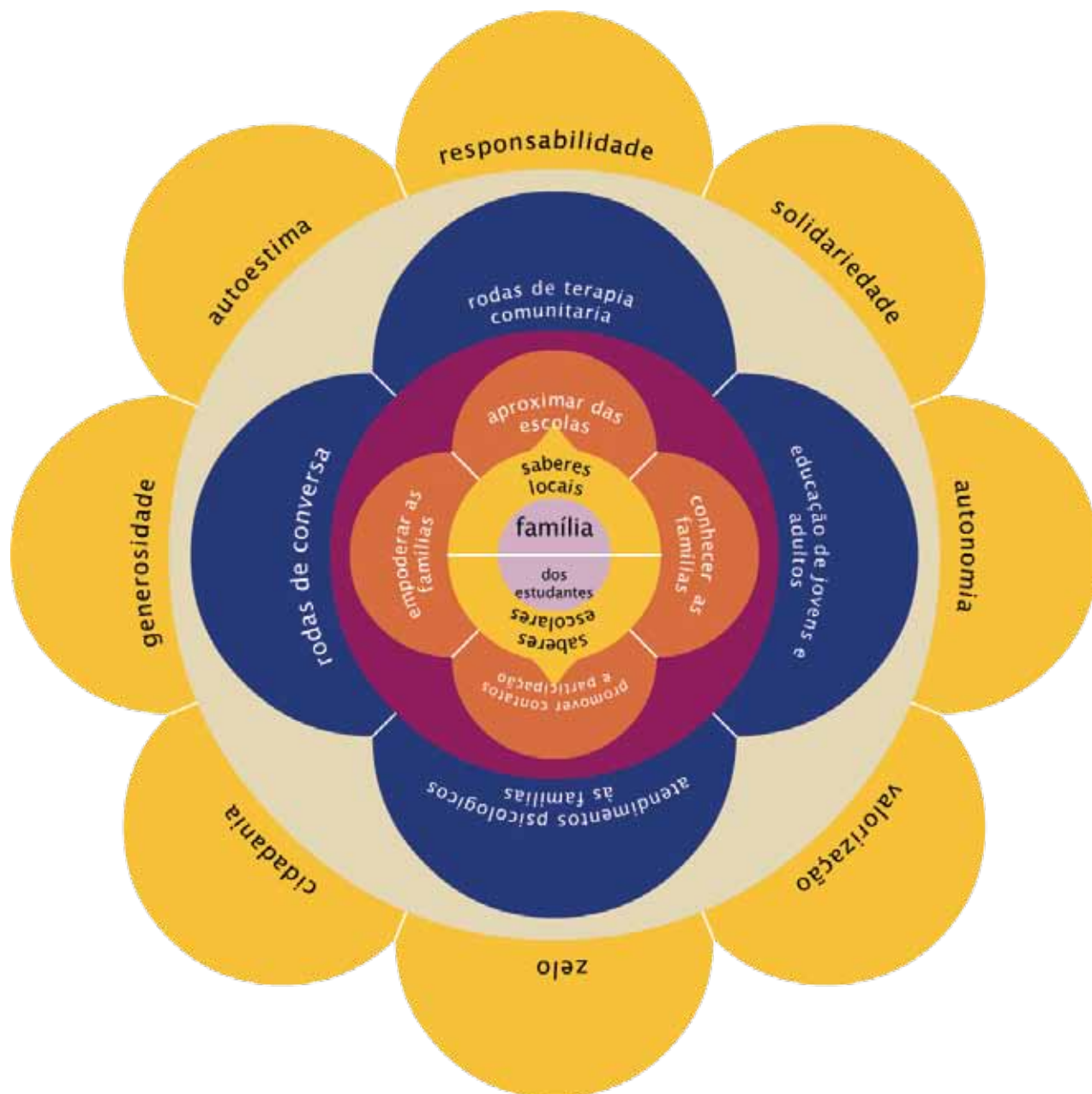
## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- ALMEIDA, Maria Isabel; GHEDIN, Evandro; LEITE, Yoshie. Formação de professores - caminhos e descaminhos da prática. Brasília: Liber, 2008.
- ARROYO, Miguel G. Currículo, território em disputa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- BRANDÃO, Carlos R. A pergunta a várias mãos: a experiência da partilha através da pesquisa em educação. São Paulo: Cortez, 2003.
- CANAU, Vera. Didática: questões contemporâneas. Rio de Janeiro: Forma & Ação, 2009.
- CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- \_\_\_\_\_. A relação com o saber nos meios populares. Uma investigação nos liceus profissionais de subúrbio. Porto: Legis, 2009.
- CONTRERAS, José. A autonomia de professores. São Paulo: Cortez, 2002.
- ECO, Umberto. Obra aberta. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- FRANCO, Maria Amélia S. Pedagogia como ciência da educação. São Paulo: Cortez, 2008.
- FRANCO, Maria Amélia S. & GHEDIN, Evandro. Questões de método na construção da pesquisa em educação. São Paulo: Cortez, 2008.
- FREIRE, Paulo. Educação e mudança. São Paulo: Paz e Terra, 2006.
- LIBÂNEO, José Carlos. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. Revista da Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, v. 38, n. 1, 2012.
- PIMENTA, Selma G. O pedagogo na escola pública. São Paulo: Loyola, 2002.
- \_\_\_\_\_. Formação de professores - saberes da docência e identidade do professor. In: PIMENTA, Selma G. (Org.). Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 2007.
- SOUZA SANTOS, Boaventura. Para além do pensamento abissal – das linhas globais e uma ecologia dos saberes. Novos Estudos - Cebrap, n. 79, nov. 2007
- SOARES, Jose Francisco e AL. Exclusão intreescolar nas escolas publicas brasileiras. Unesco, 2012.
- TORO, J.B. Códigos da Modernidade: capacidades e competências mínimas para participação produtiva no século XXI. s.n., 1997.
- UNICEF/MEC/INEP/UNDIME. Pesquisa Redes de Aprendizagem – boas práticas de municípios que garantem o direito de aprender. Brasília: MEC, 2008.

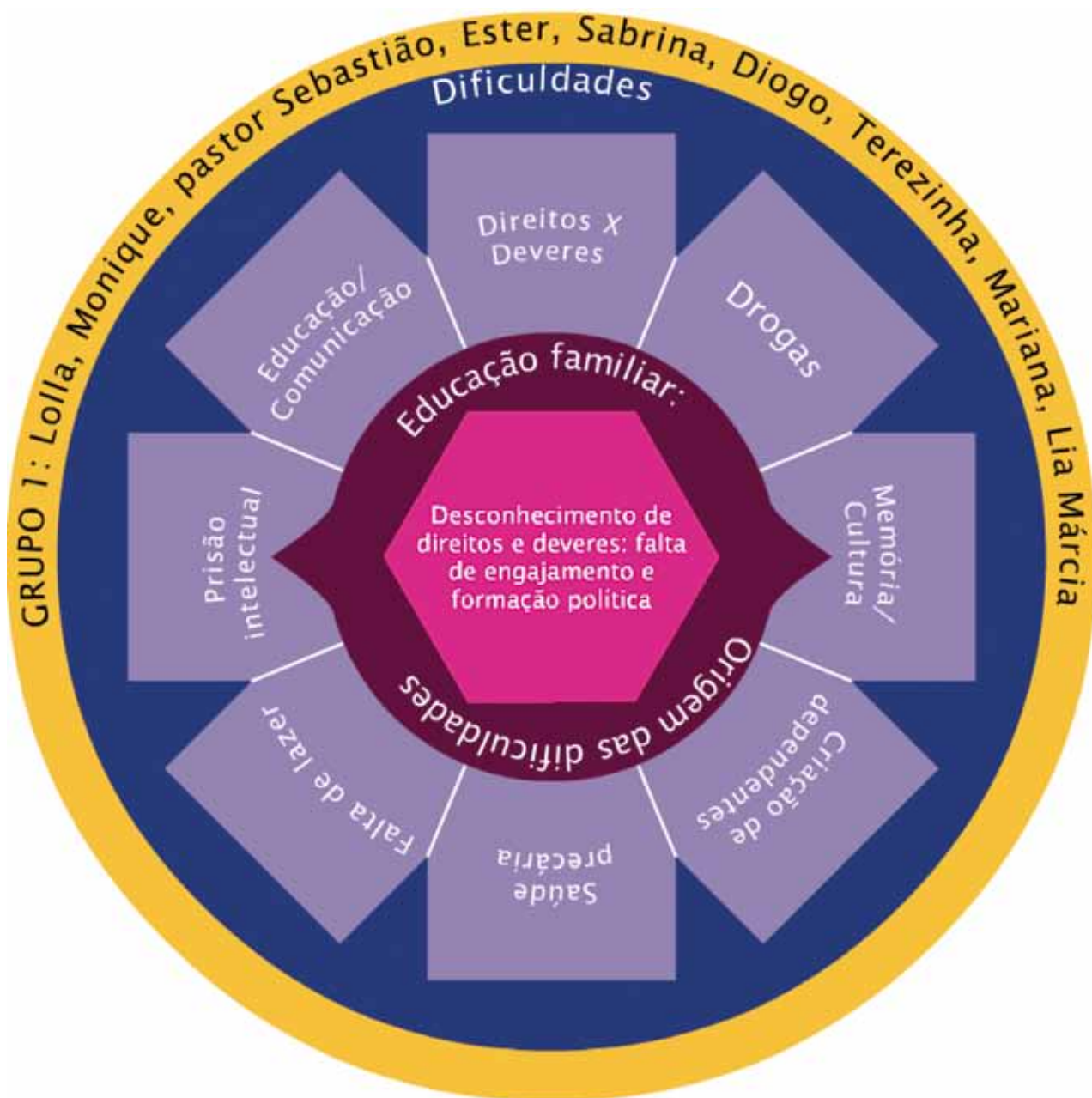
# 7. ANEXOS

## MANDALA FAMÍLIA DOS ESTUDANTES

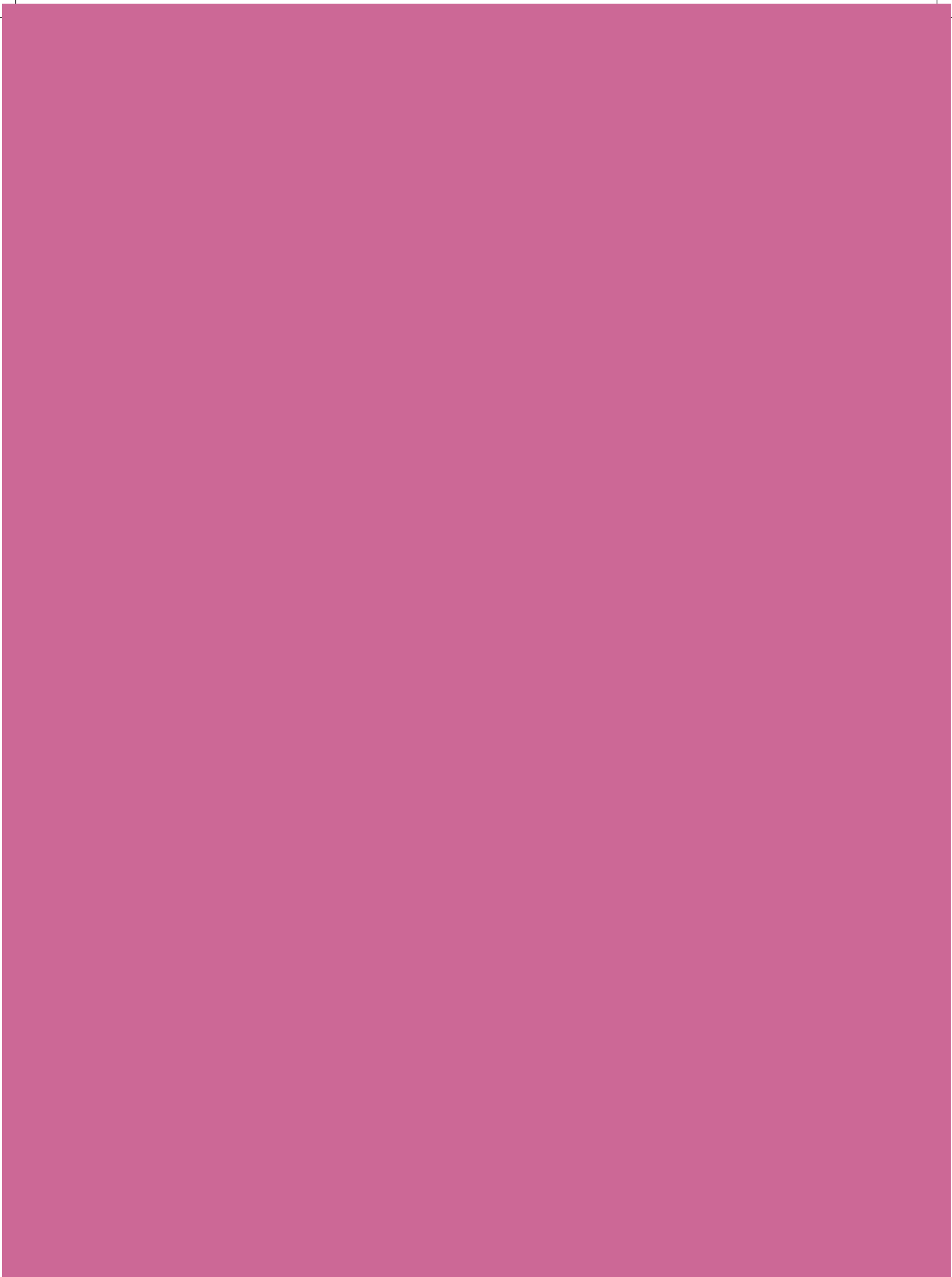




MANDALA DO 3º ENCONTRO – GRUPO 1









[www.artedeeducar.org.br](http://www.artedeeducar.org.br)

